



**COLEÇÕES CIENTÍFICAS
LUSO-BRASILEIRAS:
PATRIMÔNIO A SER DESCOBERTO**

**MARCUS GRANATO E MARTA LOURENÇO
ORGANIZADORES**



MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS

Coleções Científicas Luso-Brasileiras: patrimônio a ser descoberto

Organização: Marcus Granato e Marta C. Lourenço

Museu de Astronomia e Ciências Afins - MAST/MCT

Rio de Janeiro, Julho de 2010.

Presidente da República

Luiz Inácio Lula da Silva

Ministro da Ciência e Tecnologia

Sérgio Machado Rezende

Secretário Executivo

Luíz Antonio Rodrigues Elias

Sub-Secretário de Coordenação de Unidades de Pesquisa

José Edil Benedicto

Diretor do Museu de Astronomia e Ciências Afins

Alfredo Tiomno Tolmasquim

Coordenador de Museologia

Marcus Granato

Coleções Científicas Luso-Brasileiras: patrimônio a ser descoberto

Organização e Revisão dos Textos

Marcus Granato e Marta C. Lourenço

Diagramação

Ivo Almico, Marcus Granato e Vitor Dulfe

Capa

Ivo Antonio Almico

C691 *Coleções científicas luso-brasileiras: patrimônio a ser descoberto /*
Organização: Marcus Granato e Marta C. Lourenço. – Rio de
Janeiro: MAST, 2010.
382p.

ISBN: 978-85-60069-26-2

1. Coleções científicas - Brasil. 2. Coleções científicas - Portugal. 3. Patrimônio cultural - Brasil. 4. Patrimônio cultural - Portugal. I. Granato, Marcus. II. Lourenço, Marta C. III. MAST.

CDU 069.5

SUMÁRIO

O Patrimônio Científico do Brasil e de Portugal: uma introdução	7
<i>Marcus Granato e Marta C. Lourenço</i>	
Los Instrumentos Científicos de los Centros de Enseñanza Secundaria en España: historia, estado actual y futuro del patrimonio científico educativo	15
<i>José Ramón Bertomeu Sánchez, Mar Cuenca Lorente, Antonio García Belmar e Josep Simon Castel</i>	
O Museu de Astronomia e Ciências Afins e suas Coleções	47
<i>Marcus Granato e Claudia Penha dos Santos</i>	
As Coleções do Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas / UFOP	69
<i>Gilson A. Nunes, Mercedes Estela Rainho, Edson F. de Rezende, Antonio Luciano Gandini, Maria Paula Delicio, Carlos Augusto Jotta e Felipe E. Hoffman</i>	
A Coleção do Museu da Escola de Farmácia da Universidade Federal de Ouro Preto	81
<i>Victor Vieira Godoy</i>	
O Museu Dinâmico de Ciência e Tecnologia da Universidade Federal de Juiz de Fora: trajetórias e temporalidades dos acervos	87
<i>Paulo de Melo Noronha Filho e Patrícia Muniz Mendes</i>	
Museu da Farmácia Lucas M. Amaral. Faculdade de Farmácia e Bioquímica da Universidade Federal de Juiz de Fora	101
<i>Lucas Marques do Amaral</i>	
O Museu da Escola Politécnica e sua Coleção	113
<i>Heloi José F. Moreira, Dirlene S. Diorio, Marli da Cruz Pardal e Zeugmar F. da Silva</i>	
O Conjunto de Objetos de Ensino do Laboratório de Física do Colégio Pedro II	123
<i>Marcela de Almeida Ferreira, Marcus Granato, Zenilda F. Brasil e Alexandre Calvão</i>	
Os Instrumentos Antigos do Laboratório de Física da Escola Estadual Bento de Abreu de Araraquara	143
<i>Maria Cristina de Senzi Zancul</i>	
O Gabinete de Física da Universidade de Coimbra	157
<i>Ermelinda R. Antunes e Catarina Pires</i>	
Museu da Ciência da Universidade de Coimbra: valorização de um patrimônio científico secular	185
<i>Catarina P. Pires e Gilberto G. Pereira</i>	

O Museu de Ciência da Universidade do Porto: colecções de ciências exactas da Faculdade de Ciências <i>Marisa L. Monteiro, Luis M. Bernardo e José M. Araújo</i>	211
O Museu da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto e as suas Coleções <i>Susana Medina</i>	231
O Museu do Instituto Superior de Engenharia do Porto: o ensino industrial e o saber fazer <i>Patrícia Carla Costa e José Carlos Barros de Oliveira</i>	245
O Museu de Ciência da Universidade de Lisboa: património, colecções e pesquisa <i>Marta C. Lourenço</i>	257
As Colecções do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa: a colecção do Museu de Física <i>Catarina A. da Rosa Leal e António Manuel Casaca</i>	277
Estudos e Gestão de Colecções: práticas de formação e investigação <i>Alice Semedo</i>	291
Mostra de Objetos das Colecções Científicas e de Ensino Brasileiras e Portuguesas	313
Museu de Astronomia e Ciências Afins	315
Museu de Ciência e Técnica da Escola de Minas da UFOP	321
Museu da Escola de Farmácia da UFOP	325
Museu Dinâmico de Ciência e Tecnologia da UFJF	329
Museu da Farmácia Lucas M. do Amaral	333
Museu da Escola Politécnica da UFRJ	338
Colégio Pedro II	342
Escola Estadual Bento de Abreu de Araraquara (SP)	346
Gabinete de Física da Universidade de Coimbra	349
Museu da Ciência da Universidade de Coimbra	354

Museu de Ciência da Universidade do Porto	359
Museu da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto	363
Museu do Instituto Superior de Engenharia do Porto	367
Museu de Ciência da Universidade de Lisboa	373
Museu de Física do Instituto Superior de Engenharia de Lisboa	377

Fotos da contracapa:

Altazimute (ON), Emanuel Liais e fabricado nas oficinas de José Hermida Pazos, Rio de Janeiro, séc. XIX (final). (Foto: acervo MAST)

Sacarímetro, J. Duboscq - Soleil, d.1846. (Foto: acervo GF/UC)

Heliógrafo de Campbell-Stokes, 1897. (Foto: V. Teixeira, acervo GB/UP)

As opiniões e conceitos emitidos nesta publicação são de inteira responsabilidade de seus autores, não refletindo necessariamente o pensamento do Museu de Astronomia e Ciências Afins.

É permitida a reprodução, desde que citada a fonte e para fins não comerciais.

MUSEU DA FARMÁCIA LUCAS M. AMARAL

Faculdade de Farmácia e Bioquímica da Universidade Federal de Juiz de Fora

Lucas Marques do Amaral¹

Modernamente o farmacêutico é concebido como o profissional que se dedica ao estudo das substâncias que afetam a saúde. De acordo com a dose, a espécie e a maneira ingerida, tais substâncias poderão ser nutrientes ou alimentos que mantêm a saúde, fármacos ou medicamentos que protegem ou recuperam a saúde e venenos ou tóxicos que ameaçam a saúde. Contudo, a função precípua desse profissional – a atividade nuclear que deu origem às outras – é o estudo do fármaco, mais especificamente o modo de preparar e conservar os medicamentos que são o objeto da Farmácia como ciência.

Os esforços do ser humano, através dos séculos, para recuperar a saúde abalada ou aliviar o sofrimento conseqüente, empregando medicamentos, constituem um patrimônio da humanidade, sendo parte importante de sua história cultural e, portanto, é mister preservar sua memória.

Encontramos testemunhos dessa preocupação em inúmeros museus especializados, bem como em seções ou coleções existentes em museus espalhados por todo o mundo.

Muitos objetos que marcaram essa luta para manter a saúde foram preservados por suas qualidades estéticas. Tal é o caso dos antigos potes de farmácia

¹ Farmacêutico pela Escola de Farmácia e Odontologia de Juiz de Fora (1961) com especialização em Laboratório de Saúde Pública, pela antiga Universidade do Brasil (1962/1963). Professor adjunto aposentado da Universidade Federal de Juiz de Fora, onde lecionou Física Aplicada à Farmácia e Físico Química, na Faculdade de Farmácia e Bioquímica e no Instituto de Ciências Exatas, unidades da qual foi diretor, respectivamente, de 1972 a 1976 e de 1976 a 1980. Posteriormente, foi Pró Reitor de Ensino e Pesquisa de 1980 a 1982 e Pró Reitor de Administração de 1982 a 1985. Fundador do “Museu da Faculdade de Farmácia e Bioquímica” da UFJF, hoje denominado “Museu da Farmácia Lucas M. Amaral, da FFB-UFJF”. Membro do Instituto Histórico e Geográfico de Juiz de Fora e do Conselho de Amigos do Museu Mariano Procópio.

em cerâmica policromada ou frascos de cristal gravados a ouro que também testemunham a história da arte através de suas formas e decorações. Por tais qualidades, os citados objetos estão presentes nas coleções de arte aplicada ou decorativa dos mais relevantes museus. Em Juiz de Fora, nosso principal museu e um dos mais importantes do Brasil, o Museu Mariano Procópio, seu fundador, Alfredo Ferreira Lage, como esteta, sentiu o apelo de tais objetos e incorporou à sua riquíssima coleção alguns magníficos exemplares de potes do século XIX². Tais peças são, por outro lado, muito procuradas por colecionadores particulares atraídos pela beleza e qualidades artísticas, mas sem preocupação com seu valor científico, o que as tornam muito valorizadas no mercado de antiguidades.

Outros objetos, relacionados à preparação dos medicamentos, não possuem os mesmos valores estéticos, mas são expressivos quanto à evolução da técnica farmacêutica e são preservados por museus especializados, como é caso do que foi criado na Faculdade de Farmácia e Bioquímica da Universidade de Juiz de Fora (FFB-UFJF)³.

AS ORIGENS DA COLEÇÃO

O Museu que existe na FFB-UFJF foi criado por Lucas Marques do Amaral em 1972, quando foi o primeiro Diretor da Faculdade de Farmácia e Bioquímica da UFJF, que no ano anterior havia, de fato, sido desmembrada da Faculdade de Farmácia e Odontologia da UFJF, fator administrativo que deu origem, também, à Faculdade de Odontologia da UFJF (FO-UFJF).

Naquela época, em consequência da Reforma Universitária, as matérias do curso básico de Farmácia eram ministradas nos Institutos de Ciências Biológicas e Exatas, já instalados no Campus Universitário, distante do centro da cidade, onde eram ministradas as disciplinas profissionalizantes na FFB-UFJF que, ainda muito precariamente, dividia espaço com a FO-UFJF. Tal distância entre os Institutos e a Faculdade dificultava a vida acadêmica, além do que, nessa mesma época, o Curso de Farmácia, passava por profunda reforma, dando origem às seguintes modalidades de curso: Curso Farmacêutico e Curso Farmacêutico Bioquímico com as opções Análises Clínicas e Análises Bromatológicas, além do Curso Farmacêutico Industrial.

Todos esses fatos relevantes levaram ao Reitor da época, Dr. Gilson Salomão, que havia dado início à construção do Campus Universitário, a autorizar a rápida

² Vide sítio: <http://www.tribunademinas.com.br/especiais/museu/tp122.htm>. Acesso em: 08 de Abr. 2010.

³ Vide sítio: <http://www.ufjf.br/farmbio/museu/>. Acesso em: 08 de Abr. 2010.

construção do edifício da FFB e a adquirir os equipamentos necessários ao funcionamento dos laboratórios destinados às novas disciplinas exigidas pela reforma do Curso Farmacêutico. Essa foi a última grande obra do referido reitor. Contudo, já no final de seu mandato, as obras do acesso e entorno de onde havia sido construída a nova FFB, apenas haviam sido iniciadas e, sob esse aspecto, tudo era muito precário. Mesmo nessas condições, a congregação de FFB decidiu pela mudança da faculdade para as novas instalações, no início do segundo semestre do ano letivo de 1972. Tal decisão visava, primordialmente, atender às prementes necessidades acadêmicas e um pouco homenagear o reitor, que tanto fez para atender às reivindicações do Curso de Farmácia, possibilitando que ele inaugurasse esta última obra de sua gestão⁴

Até então, o Curso de Farmácia, apesar de criado em 1904, era dos menos bem equipados. Em compensação, possuía uma enorme quantidade de aparelhagem antiga e em desuso, a maioria desmontada e guardada sem maiores cuidados de conservação. Com a mudança e a moderna aparelhagem, tanto o corpo docente quanto o discente queriam livrar-se dos velhos equipamentos que os faziam recordar os anos de penúria do curso.

Como descendente de ancestrais farmacêuticos, fui criado em meio a livros antigos de Farmácia, os quais folheava e via ilustrações e gravuras que me remetiam àquele material enferrujado e quase todo desmontado, prestes a ser refogado. Eu era, naquela época, bastante jovem e a comunidade acadêmica da Faculdade esperava de mim preocupação com coisas modernas e atuais e não com o passado recente que não havia sido lisonjeio. Meio sub-repticiamente não descartei tal material antigo e o guardei em uma sala discreta, onde, tanto quanto possível, visitava, tentando montar aquele imenso quebra cabeça. Foi nesta mesma época que conheci o Museu da Ciência de Londres, onde vi quase todas duplicatas daquela aparelhagem que, a princípio, me dava vergonha de recolher. Mais ainda, eu adquiri um opúsculo denominado *The Victorian Chemist and Druggist* de W.A.Jackson, todo dedicado àquele material e não apenas aos ricos e belos potes de farmácia⁵. Tive certeza de que não estava equivocado, pois, se uma cidade que guarda e cuida de tantas antiguidades importantíssimas, também preserva coisas semelhantes àquelas que não descartei, era porque elas possuíam algo mais do que um apelo *proustiano* da minha infância. Assim decidi, a partir da reconstituição da “velharia” da antiga Faculdade, criar o “Museu da Farmácia da Faculdade de Farmácia e Bioquímica da UFJF” que,

⁴ Vide sítio: <http://www.ufff.br/farmbio/localizacao/>. Acesso em: 08 de Abr. 2010.

⁵ Vide sítio: http://books.google.com.br/books?id=VhWyEOivWpoC&source=gbs_navlinks_s. Acesso em: 08 de Abr. 2010.

após minha aposentadoria, a Congregação, com muita gentileza e pouca propriedade, associou-o ao meu nome. E, mais grave ainda, entende que sou o responsável vitalício por ele.

Dessa forma, a origem da coleção foi a antiga e agora já centenária aparelhagem da “Briosa”, como chamávamos com carinho, a nossa vetusta Escola de Farmácia e Odontologia de Juiz de Fora.

Terminado meu mandato de Diretor da FFB, fui nomeado Diretor do Instituto de Ciências Exatas (ICE), onde, em razão da Reforma Universitária, havia sido locada a disciplina que lecionava. Daí surgiu a segunda e, talvez, a tão importante coleção do Museu. A maioria das disciplinas e laboratórios do ICE vinham da Faculdade de Engenharia que, como a de Farmácia e Odontologia, teve origem particular e foi federalizada em dezembro de 1961, quando foi criada a Universidade Federal de Juiz de Fora.

A antiga Escola de Engenharia era muitíssimo bem equipada, inclusive seu laboratório de química, o qual, em virtude da natureza dos cursos, não era tão atraente para os alunos. Na Engenharia, as aulas práticas de química eram, quase sempre, demonstrativas, ao contrário das ministradas na antiga Escola de Farmácia, onde os alunos constantemente manipulavam o material frágil que foi se quebrando com o uso, ao passo que o da Engenharia foi salvo pela inércia. Mas, mesmo este material frágil, embora perfeito, de laboratórios de química, agora no ICE, estava cientificamente defasado. Com isto, o Departamento de Química, decidiu dar baixa no mesmo, considerando-o ultrapassado para as condições acadêmicas de então. Obviamente, como diretor do ICE não permiti o descarte daquela preciosidade e a transferi para o Museu da Faculdade de Farmácia. Em menor escala ocorreu o mesmo em relação aos laboratórios de física do ICE.

A terceira maior coleção a integrar o Museu foi originada de doação feita em 2000 pelo Dr. Runivan Nackle, médico residente em São Paulo e ex-aluno da UFJF. Era constituída de duas partes: livros, periódicos e muitos frascos, sendo os últimos o principal objeto da atenção desse colecionador. Mas, se o doador colecionava tais frascos por eles mesmos, o interesse para o Museu era muito mais abrangente, porque, além das embalagens e rótulos, a grande maioria ainda continha fármacos de origem vegetal, química e animal, muitos dos quais de grande uso no século XIX e primeira metade do século XX, mas em desuso, quando não proibidos, na atualidade. Todos se tornaram, com o tempo, importantíssimos testemunhos da evolução da arte de curar.

Uma quarta parte da coleção proveio da doação de alunos, ex-alunos e profissionais farmacêuticos. Uma peça, talvez das mais interessantes do Museu, é um microscópio da primeira metade do século XIX que foi doado por um funcionário administrativo da Universidade, originário de uma tradicional família de farmacêuticos. Recentemente, recebemos uma importantíssima coleção de centenas de bulas de medicamentos industrializados, iniciada antes dos anos 20 do século passado e que poderá servir de estudo da evolução da farmacologia e do modo de encarar os respectivos medicamentos daquela época.

Por aquisição, passaram a integrar o acervo do museu menos de uma dezena de frascos de cristal e o livro “Memória Histórica do Instituto de Butantan pelo Dr. Vital Brazil MCMXL”, publicado em 1941 e autografado pelo autor.

O TRABALHO EM TORNO DA COLEÇÃO

Ao mesmo tempo em que ocorriam incorporações à coleção, prosseguia o trabalho de identificação e remontagem dos aparelhos. A grande maioria estava registrada nas ilustrações do “Chernoviz”⁶, o “Formulário e Guia Médico” do Dr Pedro Luiz Napoleão Chernoviz, sempre presente e às mãos daqueles que trabalhavam em farmácias, além de muitos outros livros em francês, língua que podia ser considerada a língua oficial da farmácia no Brasil do século XIX e início do século XX. Nessa ocasião, a Farmacopéia Francesa era considerada o código oficial da farmácia brasileira. Procurei socorro, portanto, em tal bibliografia, nos livros adotados por meu avô e meu pai em seu ofício de farmacêutico. Recorri também aos livros clássicos - no sentido primordial do termo, de serem usados nas classes, dos cursos antigos de farmácia -, os “*l’Officine ou Repertoire General de Pharmacie Pratique*” de F. Dorvault, simplesmente chamado de “O Dorvault”, ou o “*Trate de Pharmacie*” de E. Soubeiran e J. Regnault que também havia se tornado apenas “O Soubeiran”, e a outros livros que, de tão conhecidos e usados, passaram, também, a receber o nome de seus autores. Este foi o caso de “O Dupuy” e o caso de “O Astruc”. Na página 259 do segundo volume de “*Cours de Pharmacie*” de Dupuy, publicado em 1902, pude identificar e tornar a montar um dos itens mais interessantes e preciosos do nosso acervo, a Prensa de Liebau, com a qual se preparava comprimidos um a um e manualmente. Nos inúmeros museus de farmácia espalhados pelo mundo, que tive a felicidade de conhecer, nunca vi um aparelho desse mesmo modelo, nem o encontrei em outro livro que não fosse o citado “Dupuy”.

⁶ Vide sítio: <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v12n2/16.pdf>. Acesso em: 08 de Abr. 2010.

Nesse trabalho de identificação – meio arqueológico e quase sempre de restauração - não posso deixar de mencionar os dois catálogos da firma *Lés Fils D'Émile Deyrolle*: o “*Catalogue Méthodique Matériel de Laboratoire*”, de março de 1914, e o “*Catalogue Raisonné des Collections et du Matériel pour L'Enseignement Technique*”, de março de 1931.

Para a organização técnica do acervo, contamos, desde o princípio, com a orientação de uma equipe de museólogas do Museu Mariano Procópio. Tudo vem sendo paulatinamente catalogado, seguindo tais orientações com muito e, aparentemente, interminável trabalho.

Partimos de uma relação das peças que receberam um número de ordem. Concomitantemente, cada item do acervo foi sendo catalogado em uma ficha, onde são anotados os seguintes dados: nome do objeto, função, dimensões, acondicionamento, estado de conservação, fabricante, tipo ou modelo, origem, data de fabricação, data de utilização, data do tombamento, data de entrada, local do museu, descrição, número de tombo, número de ordem, foto, forma de aquisição, proprietário anterior, restauração, referências bibliográficas, cuidados de conservação, pesquisa, histórico, observações, autor da ficha e orientador.

O número de tombo é constituído dos dois últimos números referentes ao ano de tombamento, seguido de um ponto, dois números referente à categoria, mais um ponto e três números que indicam o número da peça na respectiva categoria. Assim, um objeto que recebe o número 87.01.003 significa: catalogado em 1987, pertence à categoria 01 (aparelhos de farmacotécnica) e 003 por ter sido o terceiro de sua categoria a ser catalogado.

Por suas características, a coleção foi dividida em 19 categorias, a saber:

- 01- Aparelhos de Farmacotécnica – ex: Moinho, prensa de comprimidos, pilulador.
- 02- Embalagens - ex: Potes de porcelana, frascos de vidro, garrafas de cerâmica.
- 03- Vidraria, Cerâmicas e Almofarizes – ex: Funis, retortas, balões não aferido.
- 04- Instrumentos de Medida – ex: Recipientes graduados, balanças, termômetros.
- 05- Instrumentos de Aquecimento – ex: Fornalhas, fogareiros, alambiques, banhos.
- 06- Ferramentas e Meios Auxiliares – ex: Estantes, espátulas, pinças, tripés.
- 07- Máquinas Industriais – ex: Gasogênio para gaseificação de limonada purgativa.
- 08- Drogas e Produtos Químicos – ex: Origens química, vegetal e animal.
- 09- Medicamentos Artesanais e Industrializados: Éter e Clorofórmio anestésicos.

- 10- Equipamento Médico e Cirúrgico – ex: Seringas, irrigadores, ventosas, fios.
- 11- Documentos – ex: Diplomas, livros de atas e registros, bulas, receitas.
- 12- Fotografias – ex: Fotos, postais, slides.
- 13- Brindes e Material de Propaganda: Almanques, estampas, lápis, mata borrão.
- 14- Mobiliário – ex: Balcões, armários, mesas de manipulação.
- 15- Instrumentos de Análises Clínicas: Vidraria específica, microscópios, lâminas.
- 16- Perfumaria e Cosméticos: Embalagens, produtos de higiene e toucador.
- 17- Instrumentos de Bromatologia: Butirômetros, vidraria e aparelhagem específica.
- 18- Insígnias e Cerimonial – ex: Brasões, bandeiras, condecorações, becas.
- 19- Material Bibliográfico: livros, periódicos e publicações avulsas.

Quanto à divisão espacial, o Museu possui uma sala de exposição permanente, uma pequena e insuficiente reserva técnica onde é guardada, com toda impropriedade, grande parte do material bibliográfico e uma sala para exposições temporárias que há cerca de cinco anos tem estado desativada por motivo de força maior, abrigando outra atividade mais urgente e relevante para a FFB.

A sala de exposição permanente foi idealizada fazendo uma referência às farmácias do passado. Um balcão antigo, decorado com detalhes entalhados com o símbolo da Farmácia - a taça serpentina da deusa Hígia - e ramos de café, divide o espaço em dois ambientes. No espaço interior, uma antiga e elegante escrivaninha faz a vez da mesa do farmacêutico, sustentando uma grande balança analítica e livros clássicos da Farmácia. Para o fundo, foi construída uma vitrine espelhada e iluminada que lembra o desenho dos armários de farmácia do período neoclássico, propositalmente desprovido de decoração e confeccionado de material moderno para mostrar que não se trata de um móvel de época. Um dos lados é ocupado por uma estante neutra de madeira pintada de cinza, aludindo aos móveis similares das antigas boticas. Do lado oposto, todo revestido por janelas, foi aproveitado o vão entre elas e o chão para colocar uma prateleira com iluminação interna e portas envidraçadas, na qual é guardada e exposta a coleção de frascos contendo drogas e alguns medicamentos dos primórdios da era industrial. Da organização dessa vitrine trataremos mais adiante. No chão, entre esses móveis e sobre tablados, ficam expostas peças de maiores dimensões, como o alambique de cobre, o gasogênio, fornos e banhos, além de maquete da antiga Liga Mineira contra a Tuberculose. Em

Juiz de Fora, essa instituição de saúde, pioneira quanto a seu aspecto científico, foi criada no início do século passado, na mesma época e pelo mesmo fundador da Escola de Farmácia e Odontologia de Juiz de Fora, o médico e higienista Dr. Eduardo de Menezes, e se constituía como que numa entidade irmã da nossa faculdade.

Na sala de exposições temporárias eram montadas mostras temáticas que se renovavam, em regra, de seis em seis meses. Para tais mostras eram conseguidas peças por empréstimo e versavam sobre temas, tais como, “Balanças”, “Microscópios”, “O Ensino da Farmácia”, “Análises Clínicas”, “Centenário do Curso de Farmácia em Juiz de Fora”, “Farmácia Ontem e Hoje”, esta última com grande colaboração do Museu Mariano Procópio, onde foi inaugurada sua primeira versão, “Botica da Província Santa Cruz”, na qual foram exibidos os primeiros fármacos e medicamentos brasileiros empregados pelos europeus no século XVI, conforme a literatura dos missionários e desbravadores da época.⁷

A organização das drogas dá-se em sua estante específica e segue, com algumas alterações didáticas, o que era feito nos antigos estabelecimentos farmacêuticos. Os produtos são colocados em ordem alfabética, observando-se, em seu início, os de origem química por ordem dos respectivos cátions. Os produtos químicos são seguidos pelas drogas fitoterápicas. As drogas vegetais são apresentadas inicialmente na forma de planta seca, sejam folhas, flores, raízes ou pós. A seguir, são exibidas as formas por crescente concentração do princípio ativo, ou seja: tintura, extrato fluido, extrato mole e essência. A estas se seguem os produtos de origem animal, como os pós de glândulas e insetos, óleos e gorduras tais como o de fígado de bacalhau, a lanolina e etc. Finalmente, alguns medicamentos, geralmente de procedência francesa, testemunham o início da indústria farmacêutica. Dentre esses, são particularmente interessantes os frascos de éter e de clorofórmio anestésicos. As Figuras 1, 2 e 3, apresentadas a seguir, mostram imagens de frascos de medicamentos de origem vegetal, química e animal.

Em outro local da exposição permanente, é exibido um estojo com pequenas amostras, embaladas em minúsculos frascos de alcalóides produzidos por extração ou síntese, no início do século passado, no laboratório fundado pelos pioneiros farmacêuticos da família Merck.

⁷ Vide, especialmente: ANCHIETA, José de. *Cartas-Correspondência Ativa e Passiva*. São Paulo: Edições Loyola, 1984 – CARDIM, Fernão. *Tratado da Terra e Gente do Brasil*. Belo Horizonte: São Paulo, Itatiaia e EDUSP, 1980 – CAXA, Quirício e RODRIGO, Pero. *Primeiras Biografias de Anchieta*: São Paulo, Edições Loyola, 1988 – GANDAVO, Pero de Magalhães. *Tratado da Terra do Brasil - História da Província Santa Cruz*. Belo Horizonte: São Paulo: Itatiaia e EDUSP, 1980 – LERY, Jean de. *Viagem à Terra do Brasil*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, Editora, 1960 – SOUSA, Gabriel Soares de. *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971 – STADEN, Hans. *Duas Viagens ao Brasil*. Belo Horizonte e São Paulo: Itatiaia e EDUSP, 1974.



Figura 1 - Drogas de origem vegetal. (Foto: acervo MFLMA/UFJF)



Figura 2 - Drogas de origem química. (Foto: acervo MFLMA/UFJF)



Figura 3 - Drogas de origem animal. (Foto: acervo MFLMA/UFJF)

Os itens catalogados com a rubrica “Instrumentos de Análises Clínicas” foram, majoritariamente, obtidos por doação dos laboratórios dessa especialidade quando da exposição temporária sobre o tema. Particularmente importantes são os itens da coleção de microscópios e os da coleção de colorímetros, fotocolorímetros e espectrofotômetros, muitos deles em perfeito estado de uso, como é o caso, também, de um aparelho para eletroforese em papel, da década de 60, cujas dimensões e modo de uso demonstram a rápida evolução dessa técnica em relação à atualidade.

Na categoria “Brindes e Material de Propaganda”, o Museu possui doze estampas emolduradas que reproduzem as primeiras telas, das quarenta, que constituem a série “A História da Farmácia em Pinturas”, encomendada pelo Laboratório Parque Davis ao pintor e historiador Robert Thom.⁸

Como a cura das doenças sempre esteve associada, desde o início, às práticas religiosas era, muito comum, até na segunda metade do século XX, que as farmácias recebessem o nome de santos. Aqui no Brasil, muitas receberam os nomes de Santa Maria, São Miguel e São Sebastião. Assim se entende a razão de muitos brindes, distribuídos com o objetivo de serem expostos nas farmácias, representarem a Virgem Maria. O Museu da Faculdade de Farmácia e Bioquímica da UFJF possui dois deles: um do Laboratório Bayer, que exhibe uma interessante Madona em relevo, no estilo das madonas criadas pelo artista renascentista e florentino Andréa della Robbia⁹, e um outro do Laboratório Rhodia, que exhibe uma estampa de Nossa Senhora da Farmácia, reproduzindo uma tela do barroco bávaro.

Em nossas coleções, destaca-se a vidraria incluindo, também, peça de vidro da categoria “Instrumentos de Medida”. Dentre os muitos itens, considero relevante ressaltar, em virtude de sua raridade, o Lavatório Ocular, o Frasco Gotejador de Grimsehl, o Sacarômetro de Einhorn, o Recipiente Florentino, o Vaso de Pisani, o Dializador de Grahn, o Ebulioscópio de Beckman, uma primitiva Mamadeira do séc XIX, quando entrou em uso tal instrumento, e o Frasco de Erlenmeyer, com o antigo formato criado por seu idealizador.

Dentre os itens da categoria “Equipamento Médico e Cirúrgico”, destacam-se: a Sarjadeira, destinada a fazer incisões na pele para sangria local e um estojo original

⁸ A série completa pode ser vista no site <http://www.pharmacy.wsu.edu/History/>, onde se percebe, nos mínimos detalhes, o cuidado com a reconstituição histórica empregado por esse premiado pintor americano. O mesmo artista é autor de uma série de quarenta e cinco telas denominada “A História da Medicina”. Ambas as séries datam da metade do século passado.

⁹ Vide sítio: http://www.artcyclopedia.com/artists/robbia_andrea_della.html. Acesso em: 08 de Abr. de 2010.

de uma farmácia de Turim com diversas seringas de Pravaz - pequenas seringas hipodérmica providas de uma agulha oca que permitiram as primeiras aplicações medicamentosas parenterais, embora tenham sido, inicialmente, concebidas para uso na escleroterapia, quando em 1849, o cirurgião francês C. Pravaz, em Lyon, inventou a seringa e a agulha e as utilizou para introduzir uma substância esclerosante, o percloroeto de ferro, em um aneurisma arterial.¹⁰

Entre os aparelhos de farmacotécnica, além dos piluladores, encapsuladores, moldes para óvulos e supositórios, bastante conhecidos e divulgados, o Museu possui dois raros aparelhos: um de preparar supositórios a frio e um para obtenção de oxigênio para fins medicinais, denominado Aparelho de Limousin, em cuja base se acha escrito, em relevo, "*Limousin Pharmacien Rue Blanche 2 Paris*". Trata-se do estabelecimento comercial de um dos grandes farmacêuticos da história, Stanislas Limousin (1831-1887).¹¹

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse é o Museu da Faculdade de Farmácia e Bioquímica da UFJF que foi praticamente montado com o material que estava para ser descartado e que, até hoje, recebe doações importantes de pessoas que conhecem as finalidades desta instituição e sabem para onde encaminhar aquilo que já está em desuso. Assim, nossa coleção vai se enriquecendo, embora raramente tenhamos recebido os caros, vistosos e artísticos potes de porcelana que tornam tão atraentes e bonitos outros museus do gênero.¹²

REFERÊNCIAS

BATISTA, Lúcia. *Potes de Farmácia*. Rio de Janeiro: Ilbam e Planner, 1989.

¹⁰ Vide sítio: <http://www.angiologista.com/historia/historia-das-varizes-3.html>. Acesso em: 08 de Abr. de 2010.

¹¹ Limousin foi um desses homens singularmente talentosos que souberam combinar conhecimento científico e habilidade técnica com o gênio inventivo. Entre os muitos dispositivos que Limousin propiciou à Farmácia e à Medicina está o conta-gotas padrão para medicamentos líquidos. A introdução do processo que resultou nas cápsulas gelatinosas e na idealização das ampolas esterilizáveis como recipientes de embalagem e preservação de soluções para uso hipodérmico. Vide sítio: <http://www.pharmacy.wsu.edu/History/history34.html>. Acesso em: 08 de Abr. de 2010.

¹² Dos Museus de Farmácia que já visitei, considero exemplar, dentre os mais completos e organizados, o Museu Germânico da Farmácia, localizado no Castelo de Heidelberg, que os leitores poderão conferir no sítio: <http://www.deutsches-apotheken-museum.de/englisch/index-en.php>. Acesso em: 08 de Abr. de 2010.

DIAS, José Pedro Sousa. *A Farmácia em Portugal*. Lisboa: Associação Nacional das Farmácias, 1994.

MEZ-MANGOLD, Lúcia. *Imagens da História dos Medicamentos*. Basileia: F.Hoffmann La Roche & Cie S.A., 1971.

PORTESI, Marcelo (org). *Il Fármaco Nei Tempi*. Milão: Farmitalia Carlo Erba, 1989.

SANTOS FILHO. *Licurgo. História Geral da Medicina Brasileira*. São Paulo: EDUSP, 1977.

STARLING, Heloisa Maria Murgel; GERMANO, Lígia Beatriz de Paula; SCHMIT, Paulo. *Farmácia Ofício e História*. Belo Horizonte: Conselho Regional de Farmácia de Minas Gerais, 2005.

VOTTA, Raul. *Breve História da Farmácia no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições Laboratórios Enila S.A., 1965.

- MOSTRA DE OBJETOS -

COLEÇÃO DO MUSEU DA FARMÁCIA

LUCAS MARQUES DO AMARAL DA UFJF – BRASIL



Potes de farmácia. (Foto: acervo MF/UFJF)



Alambique de banho-maria.
(Foto: acervo MF/UFJF)



Destilação com retorta.
(Foto: acervo MF/UFJF)



Destilação em corrente de hidrogênio.
(Foto: acervo MF/UFJF)



Aparelho portátil de Limousin.
(Foto: acervo MF/UFJF)



Almofarizes de bronze, pedra e vidro. (Foto: acervo MF/UFJF)



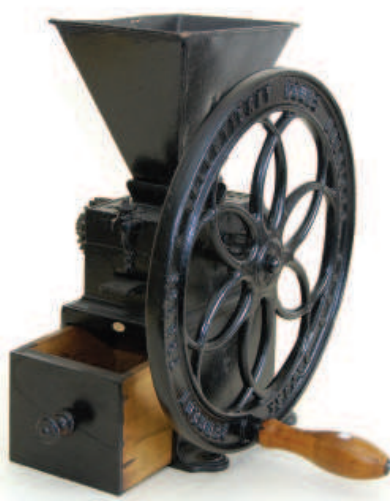
Banho-maria de nível constante.
(Foto: acervo MF/UFJF)



Prensa de colas. (Foto: acervo MF/UFJF)



Máquina de preparo de supositórios. (Foto: acervo MF/UFJF)



Moinho (Peugeot et Frères) .
(Foto: acervo MF/UFJF)



Colorímetro de Duboscq.
(Foto: acervo MF/UFJF)



Aparelho de filtração á quente.
(Foto: acervo MF/UFJF)



Estufa para esterilização a seco.
(Foto: acervo MF/UFJF)



Balança de precisão. (Foto: acervo MF/UFJF)



Microscópios (á esquerda e à direita) .
(Foto: acervo MF/UFJF)



Termômetro com escalas Réaumur e Celsius de temperatura. (Foto: acervo MF/UFJF)



Suporte com pipetas. (Foto: acervo MF/UFJF)



Aparelho de Woulf. (Foto: acervo MF/UFJF)



Estojo de seringas de Pravaz (Farmácia Bernocco/ Turim) . (Foto: acervo MF/UFJF)



Sistema de filtração de injetáveis e enchimento de ampolas. (Foto: acervo MF/UFJF)



Frascos de vidro diversos (de Pisani, de diálise, de erlenmeyer e florentino) . (Foto: acervo MF/UFJF)